



COALITION FOR  
PLURALISTIC PUBLIC  
DISCOURSE

# DYNAMIC MEMORY LAB

Português



## Dynamic Memory Lab

### »Cycles of Decolonisation«

A exposição imersiva *Cycles of Decolonisation* reflete sobre a forma como os legados do colonialismo europeu e os desafios da descolonização mental continuam a moldar as relações entre povos e culturas na Europa. A colonização é analisada não como um mero acontecimento histórico, mas como uma estrutura viva que persiste nas desigualdades e hierarquias contemporâneas dentro da Europa.

Na primeira parte, a exposição explora cinco conceitos-chave interligados da colonização, tal como definidos pela artista portuguesa Grada Kilomba, apresentados através de diversas contribuições artísticas: Desumanização e Violência, Racialização, Memória Negada, Deslocamento e Silenciamento e Apagamento.

A exposição remete para o processo contínuo de transformação de mentalidades, de compreensão da própria posição social, de cura de memórias feridas e de afirmação de identidades diversas. Reconhecer as estruturas coloniais inscritas na linguagem, na cultura e no pensamento é um primeiro passo crucial para as desmantelar no mundo supostamente “pós-colonial” de hoje.

*Cycles of Decolonisation* convida quem visita a envolver-se ativamente na promoção do diálogo, no desenvolvimento de uma consciência crítica e na adoção de passos significativos em direção à justiça e à dignidade humana. Incentiva a questionar histórias estabelecidas, a escutar narrativas negligenciadas e a criar espaço para perspetivas diversas.

A exposição inspira esforços coletivos para construir um futuro mais inclusivo e plural, assente em relações equitativas e no respeito pela diferença.

#### Curadoria

Cátia Severino  
André Soares

#### Arquitetura e design

Jan Bodenstein  
Yair Kira

#### Artistas

Clara Laila Abid Alstar  
Muhammet Ali Baş  
Ibou Diop  
Eşim Karakuyu  
Cássio Markowski  
Dan Thy Nguyen  
Jonas Weber Herrera

#### Outros participantes

Heiko Aufdermauer,  
Silentfilm  
Henryk Böhme,  
film.bau.berlin

Moritz Grünke,  
We Make It  
Hanna Köhler  
Angela Mani  
Lea Otremba  
Sandra Forero Sánchez  
Saskia Schlarmann, Pirsch Id  
Inga Schiffler  
The Next Now  
Anna Yeboah, Nadja  
Ofuatey-Alazard e outros,  
*Dekoloniale  
Erinnerungskultur in  
der Stadt*

#### Equipa

Hannah Blumas  
Viridiana Cortes  
Max Czollek  
Jo Frank  
Johanna Korneli  
Francisco Schellert

O Dynamic Memory Lab é um conceito desenvolvido pela Coalition for Pluralistic Public Discourse (CPPD). Realizado pela DialoguePerspectives e.V.

## Colonialismo e

## Colonização

Colonialismo e colonização são termos intimamente relacionados, mas distintos. Colonialismo refere-se ao sistema ou política abrangente de dominação, em que um país exerce controlo sobre outro, muitas vezes para exploração económica, política ou cultural. Representa a ideologia ou a estrutura que sustenta o estabelecimento de colónias.

Em contraste, **colonização** descreve o processo — ou o ato — de pôr o colonialismo em prática: a fixação num território, a criação de sistemas administrativos e o exercício de controlo sobre povos nativos e recursos. Enquanto o colonialismo reflete a intenção e o impacto mais amplo, a colonização centra-se nas ações concretas que o materializam.

A colonização recorre a instrumentos de opressão que mascaram a exploração e a desumanização inerentes ao colonialismo. Estabelece “espaços coloniais”, físicos e simbólicos, moldados por hierarquias culturais e intelectuais de raça, trabalho, género e conhecimento, com profundos impactos psicológicos que sustentam a opressão. Ao mesmo tempo, promove interações complexas e frequentemente contraditórias entre colonizador e colonizado, resultando no surgimento de novas formas culturais e de atos de resistência.

A colonização não é um fenómeno histórico que tenha terminado com a independência política dos países anteriormente colonizados. Pode ser descrita como uma estrutura em curso, com efeitos duradouros — individuais e coletivos — sobre o poder, a identidade e as dinâmicas culturais.

## Descolonização

**A descolonização é um processo multifacetado e complexo. Trata-se de um esforço contínuo para enfrentar e desmontar os legados persistentes do colonialismo a nível mental, cultural e estrutural. Como tal, ultrapassa a mera recuperação da independência política.**

O processo de descolonização mental exige reconhecer os quadros sociais e culturais moldados por sistemas coloniais, identificar a posição de cada pessoa dentro das estruturas hierárquicas que estes impuseram e compreender as reproduções desiguais que perpetuam. Implica desconstruir ativamente esses sistemas, rejeitando a desumanização e substituindo-os por projetos de emancipação social e cultural orientados para a restituição da dignidade humana.

A descolonização deve enraizar-se no diálogo, quer seja levada a cabo coletiva ou individualmente. Convoca cada pessoa a envolver-se num processo reflexivo para desaprender ideologias coloniais internalizadas e para desafiar as estruturas que as sustentam.

A descolonização é um ato contínuo de reimaginar e recuperar identidades, narrativas e conhecimentos silenciados pela colonização. Confronta hierarquias impostas e desmantela quadros de conhecimento centrados no Ocidente, abrindo caminho a paradigmas mais equitativos, inclusivos e pluralistas.

## (Des)Colonização na Europa

A expansão marítima portuguesa do século XV marcou o início de um ciclo de expansão europeia para lá da Europa. Impulsionadas por motivações económicas, políticas e religiosas, potências europeias procuraram riqueza, rotas comerciais e dominação. Inovações na navegação, na construção naval e no armamento tornaram possível a projeção ultramarina e facilitaram processos de colonização em regiões extensas. Em paralelo, instituições académicas e administrativas europeias contribuíram para legitimar estes esforços ao promoverem ideologias e práticas imperiais.

A Revolução Industrial e os movimentos de independência nas Américas reconfiguraram as ambições imperiais no século XIX. A Conferência de Berlim (1884 -1885) formalizou regras e mecanismos entre potências europeias para a ocupação colonial em África, acelerando a partilha e a administração de territórios. As potências coloniais impuseram assimilação cultural, sistemas jurídicos e hierarquias sociais, estabelecendo desigualdades globais que persistem até aos dias de hoje.

O século XX assistiu ao ascenso das lutas de descolonização, à medida que nações em África, na Ásia, nas Caraíbas e no Médio Oriente conquistaram a independência. Ainda assim, o colonialismo deixou cicatrizes nas geografias, nas línguas, nas culturas e nas estruturas sociais. A exploração neocolonial persistiu, sendo, em alguns casos, o governo direto dos Estados substituído por formas indiretas de controlo, incluindo a ação de empresas multinacionais. Estas passaram a dominar setores como a mineração e a agricultura, extraindo recursos e repatriando lucros para as antigas potências coloniais.

Hoje, um novo ciclo de descolonização enfrenta legados coloniais inscritos nas dinâmicas sociais e nas identidades, na linguagem, na cultura e na educação. Ao mesmo tempo, desafia o racismo sistémico, a injustiça económica, os deslocamentos, os impactos ambientais e as práticas neocoloniais.

## Desumanização e Violência

A desumanização é o processo de retirar a humanidade a indivíduos ou grupos, tratando-os como menos do que humanos, ao apagar a sua dignidade, individualidade e valor moral. A desumanização é o fundamento da violência colonial. Sustenta a opressão sistémica ao eliminar a subjetividade e a agência de determinados grupos de pessoas.

A negação da humanidade — reduzindo pessoas ao estatuto de “outro” — serve de pretexto para a exploração, a dominação e a violência sistemática. A desumanização, assim, legitima e naturaliza relações de poder desiguais. A violência que daí resulta vai para além do físico e manifesta-se também sob formas psicológicas e simbólicas, que silenciam e marginalizam. Estas dinâmicas perpetuam traumas intergeracionais, criando estruturas de alienação e de objetificação.

Embora a racialização seja o seu componente central, a desumanização cruza-se também com outras dimensões, como o género, a classe e a diferença cultural, refletindo a complexidade das hierarquias coloniais.

---

OBRA DE ARTE: DESUMANIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

### Still Hidden, Yet Here

Eşim Karakuyu  
2022/2025

Corda natural, tinta têxtil, espelho, fragmentos de papel

*Still Hidden, Yet Here* evidencia a permanência de estruturas coloniais que continuam a operar através da desumanização e da violência. Estes mecanismos manifestam-se na desigualdade social, em discursos racistas, na opressão de género e na exclusão económica.

Cortinas de cordas vermelhas assinalam a fronteira entre visibilidade e invisibilidade dessa violência continuada. Atravessá-las exige uma confrontação consciente com realidades reprimidas. Espelhos com colagens do passado colonial e de relações de poder atuais devolvem o olhar a quem observa e colocam a pergunta: onde me situo neste sistema?

A instalação recorda que a desumanização e a violência não pertencem ao passado — persistem até hoje.

## Racialização

A racialização é um processo de construção social que atribui características a grupos humanos com base em categorias raciais artificialmente criadas. Este processo estabelece hierarquias que justificam a exclusão e a exploração. Enraizada em histórias coloniais, a racialização tem sido um instrumento central de controlo e dominação colonial, moldando corpos, identidades e relações sociais de modo a perpetuar a desigualdade sistémica.

A racialização reforça dinâmicas de poder exploratórias ao associar a raça a marcadores biológicos arbitrários. Estas dinâmicas são ainda estratificadas pelo colorismo, que privilegia uma suposta proximidade à branquitude. Enquanto instrumento estrutural, a racialização sustenta narrativas de privilégio e opressão, legitimando hierarquias coloniais que persistem nas sociedades contemporâneas. Estas hierarquias continuam a moldar identidades raciais e estruturas sociais, incorporando desigualdades em instituições como a educação, a saúde e os sistemas de justiça.

Este processo contínuo desumaniza indivíduos e grupos, criando divisões sociais duradouras e reproduzindo sistemas de discriminação.

OBRA DE ARTE: RACIALIZAÇÃO

## Entangled Echoes

Muhammet Ali Baş  
2025

Cabelo, cordão elástico, verniz dourado, estanho

A série *Entangled Echoes* remete para o Cerco Otomano de Viena (1683), durante o qual foram usados canhões — um acontecimento que ainda hoje se inscreve materialmente na tradição vienense de comemoração do chamado “cerco turco”, através das *Türkenkugeln* (“bolas turcas”): seja como ornamentos dourados em fachadas, seja como matéria-prima associada ao sino da igreja Pummerin.

Na sua obra, Muhammet Ali Baş recorre ao material íntimo do cabelo humano. Desde 2020, recolhe o seu próprio cabelo e molda-o em pequenas *Türkenkügelchen*. O gesto repetido de esfregar as mãos — monótono e, simultaneamente, sensorial — transforma-se numa reflexão sobre as suas experiências de racialização na Europa, em particular na Áustria, onde a racialização é muitas vezes vivida como um campo de batalha contínuo, alimentado por narrativas históricas e pela atribuição de sentidos ao corpo. Ao fazê-lo, Baş apresenta uma prova material da sua existência enquanto corpo resistente, produtor de arte e de conhecimento, e interroga a persistência dos efeitos de políticas de memória coloniais e nacionalistas.

## Memória Negada

A memória é um fenómeno psicossocial complexo e fundamental que constitui identidades individuais e coletivas. No contexto do colonialismo, “memória negada” refere-se ao apagamento e à supressão sistemáticos das experiências, histórias e narrativas de indivíduos e grupos marginalizados.

A memória colonial, porém, é construída a partir da perspetiva do grupo dominante. Coloca o “eu” no centro e permite uma historiografia favorável às estruturas coloniais. Ao mesmo tempo, silencia as ancestralidades, os saberes, as identidades e a resistência das populações oprimidas.

Este processo de negação não só apaga a história do “outro”, como também preserva as estruturas de poder existentes. Impede processos de cura e reconciliação, ao mesmo tempo que distorce as compreensões coletivas da história. Ao tornar invisível o trauma coletivo, a memória negada perpetua ciclos de exclusão, marginalização e amnésia cultural, reforçando desigualdades sistémicas ao longo de gerações.

OBRA DE ARTE: MEMÓRIA NEGADA

## The Child and the Little Bird

Cássio Markowski  
2025

Caixa de madeira e vidro, desenhos a carvão sobre tecido recortado, fixados com alfinetes entomológicos sobre painel, 70 x 50 x 7 cm

Os desenhos a carvão de Cássio Markowski revelam contradições e sobreposições entre sistemas coloniais e formas de vida e conhecimento pré-coloniais. A mão que cura, as plantas que salvam, os saberes ancestrais — deslegitimados e negados — surgem como campo de disputa onde se exerce e se mantém o controlo sobre populações subalternizadas.

A catana, ferramenta usada no corte da cana-de-açúcar, é simultaneamente símbolo de violência e de resistência. A sua presença condensa situações produzidas pelo racismo e expõe os estigmas persistentes deixados pelo sistema colonial.

## Deslocamento

Deslocamento refere-se ao ato de forçar indivíduos ou grupos a abandonar os seus territórios, contextos culturais e identidades. Em simultâneo, são substituídos por narrativas dominantes impostas, orientadas para a assimilação cultural ou para o controlo sistémico. Este processo não é apenas geográfico, mas também profundamente psicológico e emocional. O deslocamento resulta na perda de identidade cultural, na rutura de laços comunitários e na erosão do sentido de pertença.

O deslocamento afeta a autoimagem, a coesão das comunidades e o trauma intergeracional, fragmentando identidades e apagando histórias e culturas. Nos “espaços coloniais”, os deslocamentos encontram resistência cultural sob a forma de expressões artísticas como a música, a dança, a organização política e práticas religiosas.

Embora as comunidades resistam e se adaptem, os efeitos duradouros do deslocamento continuam a desafiar os esforços rumo à justiça, à inclusão e à reparação.

---

OBRA DE ARTE: DESLOCAMENTO

## Folding Boats

Dan Thy Nguyen  
2025

Vídeo, 1 min 55 s

Uma das maiores crises humanitárias da segunda metade do século XX foi a fuga de centenas de milhares de vietnamitas após o fim da Guerra do Vietname, em 1975. Este êxodo relaciona-se com o passado colonial da região, então conhecida como Indochina Francesa. Uma parte significativa destes refugiados — conhecidos como “boat people” — deixou o país em barcos de madeira precários, procurando escapar à perseguição e à pobreza.

Entre 1975 e 1995, cerca de 800.000 pessoas foram acolhidas em países como os Estados Unidos, a Austrália, a França e a Alemanha Ocidental. Muitas não sobreviveram à travessia: segundo o ACNUR, entre 200.000 e 400.000 pessoas morreram devido a ataques de piratas, tempestades e ações militares.

## Silenciamento e Apagamento

O silenciamento e o apagamento são mecanismos estruturais que suprimem e invalidam de forma sistemática as vozes, experiências e identidades de pessoas marginalizadas. Estes processos negam a existência de determinadas narrativas, muitas vezes ao recusarem reconhecer a complexidade da discriminação e os seus impactos de longo alcance.

O silenciamento envolve a negligência — intencional ou não — da voz, das narrativas, das experiências e dos saberes, frequentemente através da sua contestação ou do simples ignorar.

O apagamento, pelo contrário, remove ativamente, distorce ou reescreve essas narrativas para manter o status quo do poder. É um ato de tornar invisível e uma profunda negação da existência: invalida a subjetividade e as experiências vividas de quem foi silenciado.

Ao impedir o reconhecimento de perspetivas marginalizadas, o silenciamento e o apagamento sustentam desigualdades sistémicas. Enfrentar estes mecanismos exige cultivar a capacidade de escutar os aspetos indizíveis da discriminação e validar a diversidade das experiências vividas. Ato de resistência, como recuperar narrativas e amplificar vozes silenciadas, são passos essenciais para desafiar estes sistemas e promover justiça e inclusão.

---

OBRA DE ARTE: SILENCIAMENTO E APAGAMENTO

## WE MANIFESTO

Clara Laila Abid Alsstar  
2022

Impressão sobre lona de rede

*WE MANIFESTO* foi criado no âmbito do coletivo Third Space: Disordering the Mess, fundado em 2020 como projeto artístico e educativo. No final do processo, Abid Alsstar, Daibert e Sangmongkhon — com contributos de Hannan Salamat e de Tunay e Tugba Önder — redigiram um manifesto coletivo, simultaneamente como reflexão e como tomada de posição dirigida a instituições culturais.

*Impresso sobre uma lona de rede torcida e entrelaçada, o texto incorpora — na própria forma — os mecanismos que suprimem vozes marginalizadas nas instituições artísticas, através da ignorância, da distorção ou do apagamento das suas narrativas. A deformação do suporte sublinha a luta pela visibilidade e pelo reconhecimento. A materialidade torna tangível a violência estrutural e evidencia como as narrativas são silenciadas e as estruturas de poder se mantêm.*

OBRA DE ARTE

## Fruits & Labour. (Post Harvest Treatment)

Jonas Weber-Herrera  
2025

Cartão, ficha da United Fruit Company  
145,5 x 97,5 x 4 cm

A obra aborda o contexto económico global do conflito armado na Colômbia e a chamada *paraeconomia*. O termo refere-se a dinâmicas em que empresas multinacionais recorreram a grupos paramilitares para perseguir, ameaçar e assassinar sindicalistas e líderes de movimentos sociais. Entre as empresas associadas a este contexto são frequentemente referidas a Coca-Cola, a Hyundai, a Del Monte e a Chiquita. A Chiquita surgiu a partir da United Fruit Company (UFCo), um dos primeiros conglomerados multinacionais.

No início do século XX, a UFCo impôs a diversos países das Caraíbas e da América Latina relações de dependência neocolonial. Trabalhadores e trabalhadoras da banana foram forçados a laborar em condições exploratórias e indignas. Nos dias 5 e 6 de dezembro de 1928, cerca de 2.000 grevistas da UFCo foram assassinados pelo exército em Ciénaga, perto de Santa Marta, na Colômbia. O chamado “massacre das bananas” é frequentemente apontado como um acontecimento decisivo no desenvolvimento do conflito armado colombiano, que persiste até hoje.

Governos de esquerda que se opuseram às tarifas de exportação e às isenções fiscais impostas pela UFCo foram derrubados, devido à sua influência política e ao apoio dos Estados Unidos e, em alguns casos, substituídos por ditaduras. Neste enquadramento, a UFCo integrou-se numa guerra por procuração contra o comunismo, e a banana de exportação tornou-se símbolo de um capitalismo sem limites morais.

A série *Fruits & Labour* remete para dinâmicas económicas históricas e atuais de exploração e violência neocoloniais. Em termos materiais, estabelece uma relação com as obras em cartão de Robert Rauschenberg e dialoga também com os chamados tunjos, figuras e esculturas do povo indígena Muisca.

OBRA DE ARTE

## Fragmento: Recordar. Pedir desculpa. Compensar.

Anna Yeboah  
Conceito: Decolonial Memory Culture in the City,  
Studio Visual Intelligence  
Produção: Ivan Ivanov  
2024

Aço, alumínio, fita acrílica vermelha

Vês a estrutura com a grelha vermelha no topo? Este elemento funcionou como módulo expositivo multifuncional entre 2020 e 2024, no âmbito do projeto-piloto Decolonial Memory Culture in the City, situado na Wilhelmstraße 92, em Berlim-Mitte. Neste lugar histórico, a rede do projeto — composta pela Initiative of Black People in Germany, Each One Teach One, Berlin Postkolonial e pela Stiftung Stadtmuseum Berlin — desenvolveu, em colaboração com comunidades africanas e negras, uma análise crítica do colonialismo alemão e das suas consequências.

Entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, por convite do governo do Império Alemão, reuniram-se na antiga Chancelaria do Reich, na Wilhelmstraße (hoje nº 92), diplomatas de onze outros Estados europeus, dos Estados Unidos e do Império Otomano, numa conferência de várias semanas reconhecida internacionalmente como a Conferência de Berlim.

De forma inesperada, os proprietários do imóvel rescindiram o contrato de arrendamento sem apresentar justificação, obrigando à dissolução do espaço de trabalho e ao desmantelamento da recém-criada exposição permanente *Erinnern. Entschuldigen. Entschädigen* (em português: *Recordar. Pedir desculpa. Compensar.*). Dedicada à história e às consequências da conferência de 1884/85, esta exposição foi uma iniciativa crucial para tornar visíveis as injustiças coloniais europeias em África.

Com a perda deste espaço, o Stadtmuseum Berlin e os seus parceiros nas comunidades africanas e negras ficam privados de uma plataforma essencial de educação histórica e política num local de forte significado simbólico. Este encerramento representa o desaparecimento de um elemento central numa rede já limitada de lugares de memória pós-colonial em Berlim — um espaço que poderia ter servido de base a um há muito reivindicado centro de aprendizagem e de memória na cidade.

OBRA DE ARTE

## Colonialismo: Violência, violência, e mais violência

**Ibou Coulibaly Diop**

Design e produção: Moritz Grünke  
2025

Poema em risografia  
Para levar

*"Quando, na Alemanha, a coligação entre o SPD, o Partido Verde e o FDP se desfez, fiquei desiludido, pois esta coligação tinha um conceito para um espaço de aprendizagem e de memória sobre o colonialismo. No entanto, após o fim da coligação, deixou de existir qualquer conceito e passou a haver, em vez disso, a criminalização e a escandalização de teóricos pós-coloniais. Foi nestas circunstâncias que o texto do poster foi criado."*

Como é possível pensar uma história de violência que ainda hoje está presente?

Como é possível refletir sobre uma violência que molda o cotidiano da sociedade e, ao mesmo tempo, é negada?

Uma violência que torna os lugares inabitáveis.  
Que faz realidades desaparecerem.  
Que ela própria permanece invisível.

A partir da sua invisibilidade, fratura-nos. Com base em categorias arbitrárias que nos atribui, enquanto seres humanos, somos colocados dentro ou fora, posicionados como nacionais ou estrangeiros. Somos empurrados para fora nos lugares onde vivemos, nos lugares onde nascemos, nos lugares onde os nossos pais, avós, bisavós nasceram.

A violência colonial que emana da Europa destruiu/destrói pessoas e natureza, destruiu/destrói a ligação das pessoas à natureza, destruiu/destrói a vida na natureza, destruiu/destrói devoções e rituais – e sobrepôs/sobrepõe à prática da destruição uma história de tecnologia e de progresso, postulada como global e universalmente válida. E, no entanto, apenas Europeia.

Colonialismo é violência.  
Violência contra seres vivos, contra o mundo.  
Uma força ruínosa que rouba à humanidade da sua humanidade,  
que permeia sociedades e culturas, as suas crenças e a sua confiança.

Colonialismo é uma negação do Ser,  
um ferir arrogante, ignorante,  
com sombras no presente.

Opor-se-lhe significa estar vigilante,  
significa romper com hierarquias,  
significa estilhaçar as dicotomias do mundo.

Em mim, inscrito pela história, pelo nascimento e pela educação,  
a minha alma procura o meu Eu.  
Por vezes não sei se sou eu ou se outras Vozes falam dentro de mim.

Começa com a língua.  
A capacidade de expressão está em busca – mas não de pureza, nem de correção. Não pelos ditames do poder e da opressão. Não pelos padrões da assimilação ou pelas práticas culturais atrofiadas que legitimam a dimensão da destruição.

Um processo com cinco séculos.  
Um processo que ainda deixa perguntas em aberto.  
Perguntas que, em insubmissão e resistência, continuam a ser colocadas.  
Perguntas cuja resposta se confronta com a atualidade da violência.

Perguntas com as quais me dirijo a vós e a mim próprio.

Ibou Diop, Charlottenburg, 14 de Fevereiro de 2025

### OBJETOS DE EXPOSIÇÃO

## Video

Silentfilm, 2025

O vídeo mostra cenas do trabalho quotidiano de uma estafeta de entregas de comida, a partir da sua perspetiva.

## Áudio

The Next Now, 2025

Nas gravações áudio, cinco estafetas de plataformas digitais de entregas de comida de Berlim e de Bordéus partilham histórias do seu quotidiano profissional, falam sobre as suas motivações e partilham as suas experiências e perspetivas sobre a sociedade alemã e europeia.

## Bicicleta Desconstruída

film.bau.berlin, 2025

## Perguntas para reflexão e bibliografia.

Caderno (para levar)

[cppdnetwork.com](http://cppdnetwork.com)



Financiado por



Federal Foreign Office